

Eu tentei explicar, que é complicada essa nossa historia

Introdução

Cristiana Natali

Tradução de Deisy Christine Mazzini

Maria Paola tem apenas uma mão, a direita.

Quando começou a dançar conosco me explicou que antes nunca tinha experimentado qualquer forma de movimento e que achava que não tinha talento. Rapidamente descobrimos nela uma sensibilidade musical, uma capacidade mimética e uma leveza corporal extraordinária.

Assim que chegou, Maria Paola durante as aulas vestia blusas com mangas compridas, que davam a ela uma imagem simétrica. No final do ano, se exibia com trajes que deixavam os braços completamente descobertos. Quando lhe pedi que escrevesse duas páginas sobre sua experiência imaginava que me emocionaria ao lê-las. Não esperava entretanto que as suas palavras me fizessem descobrir coisas sobre ela que não conhecia.

A ideia deste livro nasce exatamente dessas duas páginas que o leitor encontra propostas como segunda contribuição deste volume (*Como a dança me deu uma mão*). Através da narrativa de Maria Paola nos aproximamos de uma realidade que não conhecemos e a uma modalidade

inédita de narração da mesma. O resultado é a incorrência de uma compreensão maior, permitida pela generosidade de quem se oferece para compartilhar com o leitor as próprias experiências.

Maria Paola enfatiza a importância da comunicação, da troca. Quando lhe perguntei quais expectativas tinha em relação à sua contribuição que iríamos publicar, me explicou:

Fico feliz que as pessoas a leiam [...]. Espero que quem tem dificuldade em falar sobre o assunto seja estimulado a fazê-lo, que não tenha medo.

Em que sentido?

É útil falar sobre isso, instaurar uma comunicação sobre esse assunto, porque uma das coisas que percebi é o constrangimento que as pessoas têm em se relacionarem comigo. Se sentem constrangidas de tantas coisas que, às vezes, eu mesma nem penso [...]. Muitas vezes as pessoas imaginam problemas que eu nunca sequer tive. Por um lado por uma questão de educação talvez, porque acha que possa ser ofensivo – e talvez haja pessoas que podem levar a mal, ao contrário de mim. Depende claramente do tipo de problema que a pessoa tem, existem problemas muito mais incapacitantes do que o meu que podem nos colocar em dificuldades maiores. Então não estou julgando quem tem uma deficiência e que leva a mal se alguém fala sobre isso, eu também sei disso. Mas para uma pessoa como eu é constrangedor quando alguém se sente embaraçado, porque naquele momento nem eu sei

mais como reagir. Por outro lado, se você me diz alguma coisa, eu posso interagir contigo, e vice versa... nesse momento se instaura uma comunicação, podemos conversar. [Esse livro] é uma oportunidade de abrir uma janela (entrevista a Maria Paola, 02 de Janeiro de 2018).

Quantas janelas podemos abrir para o mundo? Tantas quantas são as formas de enxergá-lo, de vivê-lo, de percebê-lo. As autoras e os autores deste livro nos oferecem, através da subjetividade de suas escritas, um surpreendente ângulo de ponto de vista.

Este livro reúne textos seja de pessoas com deficiência/DEA¹ da Universidade de Bologna (estudantes, ex-estudantes, doutorandos, docentes, estagiários, técnicos), seja contribuições de tutores de pessoas com deficiência e ao final a narrativa de uma estudante que viveu a experiência da oficina para a sensibilização ao tema da deficiência organizado pela Escola de Artes, Humanidades e Patrimônio Cultural² em colaboração com a associação “Acca Parlante”. Em relação às contribuições de Matteo Corvino e Francesco Musolesi, por vontade deles, a forma escolhida é a de uma entrevista, que foi realizada, e transcrita, por Nicola Bardasi³.

Como foram recolhidos os depoimentos?

Através do Serviço ao Estudante com Deficiência/DEA enviamos um email aos estudantes para convidá-los a enviar a sua contribuição.

¹ Distúrbios Específicos de Aprendizagem, tais como dislexia, disgrafia, discalculia, disortografia, dispraxia (cfr. *Infra*, p. 81, nota 1).

² Scuola di Lettere e Beni Culturali dell’Università di Bologna

³ Nicola Bardasi redigiu também as notas do curador.

Adicionamos esse email ao final deste volume porque gostaríamos que esse texto que você tem em mãos representasse apenas um ponto de partida na coleta dos depoimentos: a versão online, de fato, pode ser enriquecida com os textos daqueles que queiram aderir ao projeto. Esse convite se dirige a estudantes, mas também, e de forma particular a técnicos, tutores e docentes com deficiência. Para esses últimos, não existe uma lista unificada de endereços de referência, e portanto, tivemos que recorrer aos nossos contatos pessoais, que por natureza são inevitavelmente limitados.

Um aviso aos leitores: cada depoimento é autônomo, e portanto não é necessário seguir uma ordem específica de leitura. Entretanto, em relação aos textos de Enrico Franceschi, Luca G. De Sandoli e Matteo Corvino, sugerimos que sejam lidos na ordem proposta, já que existem referências internas que de outra forma se perderiam.

Gostaríamos de agradecer a quem acreditou neste projeto desde o seu início, em primeiro lugar a Costantino Marmo, presidente da Escola de Artes, Humanidades e Patrimônio Cultural, e todos os membros – estudantes e docentes – da Comissão Paritária de Escola⁴, bem como à equipe administrativa da vice-presidência de Escola que colaborou com a sua realização (Donatella Alvisi, Antonio Merli, Annarosa Pasi, Nadia Perri, Moira Venanzi).

Agradecemos adicionalmente pela colaboração à Ilaria Tamburini, Francesco Secchieri e toda a equipe do Serviço ao Estudante com

⁴ Commissione Paritetica di Scuola

Deficiência/DEA. Finalmente agradecemos aqueles que leram a redação final do texto, Brenda Benaglia e Roberta Bonetti, e a Enrico Franceschi per la disponibilidade na fase de distribuição do livro.

Consideramos este um projeto em crescimento, e portanto ficaremos felizes de receber comentários sobre este livro no endereço cristiana.natali@unibo.it.

Como a dança me deu uma mão

Maria Paola Chiaverini

Graduada em Letras Modernas pela Universidade de Bolonha

Alguns meses depois de ter me conhecido, um caro amigo meu me confessou que se sentiu muito envergonhado porque, me vendo em dificuldade, não me lembro mais nem porque, tinha me perguntado “Precisa de uma mão?”, imaginando imediatamente ter feito uma gafe gritante. Eu ri quando ele me contou, porque eu mesma não conecto o fato de não ter uma mão ao modo de dizer que, se se pensa bem, soa como dizer a um cego “Nos vemos amanhã!”.

Quando acontece esse tipo de situação comigo, não só não me ofendo mas na maioria das vezes nem mesmo me dou conta, sendo eu a primeira a utilizar a expressão “Precisa de uma mão?”. Estava escrevendo “Me dá uma mão?”, e ao usar a expressão me dou conta que, com o passar do tempo, aquilo que tive que aprender, porque era difícil para mim, é exatamente a pedir uma mão, pedir ajuda quando me encontro em dificuldade.

Se você nasce com uma conformação física diferente daquela da maior parte dos seus semelhantes, quando cresce, você olha ao redor e se dá conta que existem coisas que você não consegue fazer. No meu caso, a limitação diz respeito a um aspecto específico, ou seja as habilidades manuais, me dei conta rapidamente do fato de que não poderia jamais tocar piano. Depois entendi que não era assim: quando aprendemos a fazer as coisas, aprendemos por imitação. Te mostram os gestos necessários para amarrar os sapatos, você vê como todos amarram os sapatos, mas você não consegue fazê-lo, já que aqueles movimentos específicos exigem a utilização dos dedos. Você não é capaz de amarrar os sapatos daquela forma, precisa encontrar uma outra forma. Aprendi a minha forma de amarrar os sapatos, e descobri que as limitações estimulam a criatividade: criar para si um percurso diferente, que não foi ensinado, mas que você deve encontrar em você mesmo, para chegar no mesmo resultado.

Ainda hoje os meus amigos ficam admirados quando vêem como passo esmalte nas unhas.

Entretanto, a garra que me motiva a superar a minha limitação criou também uma outra. Mais difícil do que amarrar os sapatos, ou de me dar conta que não seria jamais uma trapezista (quando era pequena adorava o circo), foi aprender a pedir ajuda aos outros quando não conseguia fazer alguma coisa: o orgulho e a vergonha me impediam de admitir na frente dos outros uma falta que sabia ser evidente, e porém no momento em que pedia ajuda, se tornava, quem sabe porque, ainda mais real. Para aprender a pedir ajuda, tive que me tornar mulher.

Até porque, se tornar mulher é um processo que envolve, e não pouco, a percepção do corpo, até mesmo do ponto de vista estético: e aqui sim, que a influência da minha deficiência, ao menos como a vivi, foi forte. Provavelmente se trata de um processo não muito diferente daquele que tem um adolescente com complexo por ser narigudo, ou por ser gorda, ou por usar aparelho dentário. Ainda assim, esses tipos de complexos me pareciam antes de mais nada subjetivos (OK, nem sempre, mas quase sempre sim), enquanto o meu “problema” era indiscutivelmente objetivo. Em segundo lugar, enquanto outros defeitos estéticos me pareciam de alguma forma corrigíveis, o meu sempre me pareceu definitivamente imutável. E, apesar de parecer um contrasenso, a ideia de usar uma prótese nunca, nem mesmo vagamente, me passou pela cabeça: sempre percebi a minha mãozinha com uma mistura de possessividade (eu sou assim, é parte de mim, ai de quem a toca) e inevitável resignação (é assim e pronto, não tenho uma alternativa que eu possa escolher).

E todos esses pensamentos e sensações não são confinados apenas como uma reflexão interior, mas se espelham a cada dia no olhar dos outros. Não é fácil enfrentar esses olhares, porque as reações dos outros estão fora do seu controle, e às vezes não é nem mesmo possível reagir, porque as pessoas não expressam diretamente aquilo que pensam, na maior parte dos casos por medo de ofender. Por exemplo, quando encontro crianças, elas quase sempre me perguntam logo de cara o que aconteceu com a minha mão, e eu digo a elas a verdade e respondo às suas perguntas, que normalmente são engraçadas e surpreendentes. Se ali perto estão os pais, quase sempre ficam sem graça pelas perguntas dos filhos, porque têm

medo que sejam ofensivas. Quando é possível respondo diretamente também aos pais, envolvendo-os na conversa: quando isto acontece, é lindo. A maior parte das pessoas que encontro, na verdade, não se dão conta imediatamente da mãozinha, mas apenas durante a conversa: isso me relaxa, e conseqüentemente também as relaxa.

Os desconhecidos ao contrário frequentemente me olham, sem dizer nada, e se devolvo o olhar desviam os olhos: aí está, na frente desses olhos, me sinto impotente. Por boa parte da minha vida tentei me proteger desses olhares, tentando me cobrir, evitando o máximo possível me mostrar, me fechando para o desconhecido. Mas por sorte, na vida acontecem coisas que nos forçam a nos abrir.

A primeira dessas foi o amor: quando você ama não pode deixar de se mostrar nu, de corpo e alma, mostrando-se em sua verdade a uma pessoa cujo “juízo” lhe interessa muito. Algumas vezes deu certo, outras não, mas o amor ensina.

A segunda coisa foi a dança, que descobri tarde, na universidade, na forma impressionante da dança africana. Me lembrarei sempre do instante no qual começou a ressoar na sala de dança o som dos tambores: aquele som arrombou uma porta dentro de mim, e saiu dali uma onda de alegria que eu não sabia que existia, e que passou naquele momento a viver comigo sobrepondo rápida e alegremente os meus próprios julgamentos, os meus medos. Essa alegria me invade toda vez que danço, e é exatamente como quando você se apaixona: você fica completamente arrebatado daquele sentimento, e nada mais te importa. E é uma sensação tão bela e tão forte

que não posso permitir a nada e a ninguém de privar-me dela, menos ainda a um medo meu. E não tenho mais medo de me exhibir: eu *quero* me exhibir, gostaria que todos compartilhassem dessa alegria, até porque eu sozinha não sou capaz de contê-la.

Quando penso a respeito, entendo que eu realmente tive sorte. Se me virem dançar, não haverá necessidade de perguntar-me se sou feliz.